

2014 - Abril, águas mil e outros apontamentos...

Abril águas mil e outros apontamentos…
por: Eugénio Costa Almeida©

Há um adágio popular, principalmente nas terras do hemisfério norte, que diz, mais coisa menos coisa, que «Abril, águas mil!»; tudo porque neste quarto mês do calendário gregoriano as chuvas costumam a fazer das suas. Ou seja, chove tanto que nem as terras aguentam os caudais pluviosos. Mas não é só no hemisfério norte que isto acontece. Ainda, não há muitos dias, as ruas de Luanda tornaram-se em canais venezianos tal a quantidade de chuva que se abateu na cidade. Nem a reconstruída marginal – a avenida 4 de Fevereiro – escapou conforme provam as fotografias que correm nas páginas sociais. E se Luanda e parte do país estiveram sobre os efeitos caudalosos das chuvas, também Moçambique se verificam problemas similares, em particular no sul e no norte (até agora a mais sacrificada, a zona do Zambeze, parece ter escapado, mas com o São Pedro, nunca fiando…). Parece que dono das chaves que abrem as nuvens anda com alguma relativa discordância com os nossos países – se Portugal esteve um Inverno altamente pluvioso já abril, até agora tem estado clamo, mas… – tal as cargas pluviais que nos oferece. Ou, talvez, ele considere que os povos lusófonos deveriam se concertar entre si para melhor estudarem a hidrografia e meteorologia de cada um dos países visando um melhor aproveitamento dos seus inúmeros recursos hídricos; não esquecendo que Angola e Moçambique até são bastante carentes de energia eléctrica e que o petróleo – muito poluente (e barulhento, basta-nos recordar dos geradores) – e o gás – mais ecológico – ainda não chegam suficientemente para cobrir as nossas mútuas necessidades. Há um carente desaproveitamento de certos recursos que deveriam estar no topo das prioridades políticas dos nossos dirigentes para desenvolvimento económico e social dos nossos povos. Recordemos que, 12 anos passados do final de uma guerra que opôs irmãos desavindos, ainda há saneamento básico por tornar Angola num país de desenvolvimento médio mas, em compensação e fazendo uso do relatório do Instituto Internacional para a Pesquisa da Paz de Estocolmo (SIPRI – Stockholm International Peace Research Institut) gastámos, em 2013, cerca de 35% a mais em armamento, que 2012, – correspondendo a cerca de 4,8% do PIB. É certo que o SIPRI não discrimina os vectores onde esse material foi gasto. Se por exemplo as FAA decidirem gastar uma quantidade enorme de recursos para compra de material de engenharia, apesar de ser considerado material militar não deixará de ser, naturalmente, usado em benefícios sociais com a abertura de estradas e construção de obras públicas. Como também será considerado material militar a compra de navios de patrulhas e similares para defesa das nossas águas territoriais e para controlo das rotas marítimas adjacentes e que devemos, enquanto potência regional, contribuir para a sua defesa; por exemplo o Golfo da Guiné e uma parte da rota até ao extremo do cone africano, mesmo que em apoio ou com apoio da marinha sul-africana. Até porque está haver uma convenção aeronaval no Golfo da Guiné, que conta com a presença de 21 países dos continentes europeu, americano e africano – o exercício "Obangame Express 14” –; um dos quatro exercícios anuais realizados em África pela marinha norte-americana e integra o programa "Africa Partnership Station" (APS) da US Naval Forces Africa (AFRICOM). Este exercício aeronaval, em 2012, estranhamente e depois dos norte-americanos terem afirmado que Angola era um “partner” importante na defesa de África e nas relações com os EUA, só contou, também, com os Camarões, Gabão, Gana e São Tomé e Príncipe e… Espanha; já o APS2013 incluiu, além dos EUA, a Austrália, Canada, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Itália, A Gâmbia, Benim, Camarões, Djibouti, Gabão, Gana, Mauritânia, Maurícias, Marrocos, Moçambique, Nigéria, República do Congo, Quênia, São Tomé e Príncipe (estes com participação num vaso de guerra e numa aeronave portuguesas, que o portal da APS omite), Senegal, Seychelles, Serra Leoa, Tanzânia, Togo, Tunísia e Uganda. E nós, nada! Andaremos distraídos com as nossas políticas de cooperação militar? Podemos não ter bons navios mas, por certo, que estaremos bem apetrechados a nível aéreo… Ou alguém não quis indispor os nigerianos com a nossa presença, já que aqueles também parecem não terem sido convidados, pelo menos em 2012; com os problemas internos e porque sempre se opuseram à presença da AFRICON na área, até se compreende… Mas como ainda não há informações concretas quanto ao exercício aeronaval APS 2014, só podemos aguardar… E por falar em políticas de desenvolvimento e, de certa forma, de cooperação que tal começarmos a dizer a Portugal que o 25 de Abril – Portugal está, nesta data, a comemorar os 40 anos da Revolução dos Cravos – não pode ser só seu mas de todos os Povos que falam português. Se o Brasil, parece não ter sido directamente influenciado pelos efeitos da Revolução – parece, mas na prática foi esta que contribuiu, também, para o fim do reinado dos coronéis – já os países africanos de expressão linguística portuguesa e Timor-Leste foram os principais contribuintes líquidos da Revolução portuguesa de Abril. Poderíamos e seríamos independentes, mas provavelmente, muito mais tarde do que aconteceu devido à Revolução dos capitães. Para nós é quase mais um dia, só tratado, delicadamente, nos corredores políticos; tão delicadamente que por vezes quase nem se dá por ele… Porque fomos os principais e mais interessados receptores da Revolução dos Cravos, propunha que esta data deixasse de ser exclusivamente celebrada pela República Portuguesa como um seu dia nacional e que o 25 de Abril se tornasse no Dia da Alforria Política do Espaço Lusófono. Ou seja, um verdadeiro Dia Internacional da Língua Portuguesa (isto se a língua necessita de ter um dia internacional; mas como há tantos dias internacionais…). ©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, secção “1º Caderno” ed. 326 de 25Abril-2014, pág. 22)